

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CASTELO DO GIRALDO, ÉVORA. I TRABALHOS DE 1960.**

PAÇO, Afonso do; VENTURA, José Fernandes

Ano: 1961 | Número: 71

---

### **Como citar este documento:**

PAÇO, Afonso do; VENTURA, José Fernandes, Castelo do Giraldo, Évora. I Trabalhos de 1960. *Revista de Guimarães*, 71 (1-2) Jan.-Jun. 1961, p. 27-49.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Castelo do Giraldo (Évora)

## I — Trabalhos de 1960

Por AFONSO DO PAÇO e  
JOSÉ FERNANDES VENTURA

### 1 — NOTA PRELIMINAR

O conhecimento que tínhamos de castros da península de Lisboa, e o que sabíamos de outros do Alentejo através da publicação de Vergílio Correia sobre Pavia (1), e do que havíamos visto nos Vidais (2) e em Fontalva (3), levaram-nos a acalantar a ideia de explorar um povoado naquela província, e proceder ao estudo comparativo de certas manifestações populacionais do Neolítico, de um e do outro lado do Tejo.

Quando de uma palestra realizada em Évora em 31 de Outubro de 1957 (4), visitámos o castro de S. Bento, onde pudemos observar a ruína que o rodar dos séculos e a mão do homem haviam operado, no mais velho e mais visível documento que Évora presentemente possui para atestar a sua antiguidade.

---

(1) Vergílio Correia, *El Neolítico de Pavia*. «Memória n.º 27 da Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas», Madrid, 1921.

(2) Afonso do Paço, *Carta arqueológica do concelho de Marvão*. «XIII Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências — Lisboa 1950», Lisboa, 1953.

Dr. J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1915, págs. 182-184 e 356-357.

(3) Afonso do Paço, O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, *Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana*. «Zephyrus», vol. VIII, Salamanca, 1957.

(4) Proferida no Seminário Maior de Évora, sobre a Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), para os alunos que em Agosto desse ano haviam visitado aquelas escavações.

Assistiu à conferência o segundo signatário (J. F. V.), que desde os tempos em que cursou Arqueologia com Vergílio Correia na Faculdade de Letras de Coimbra, mantém por esta ciência um carinho muito especial.

Inquirindo-se da existência de locais com o nome de «castro» ou «castelo» nos arredores de Évora, falou-se no «Castelo do Giraldo», situado próximo da Herdade da Mitra, actualmente Escola de Regentes Agrícolas, apazando-se logo uma visita que só foi possível efectuar em 2 de Novembro seguinte.

O local já havia sido percorrido por um de nós (J. F. V.) que nele recolhera um machado neolítico.

Na visita desse dia deparámos com vários fragmentos de cerâmicas pré-históricas, um percutor, e no alto, coroando a elevação, estavam bem patentes restos de velhas muralhas.

Todos estes elementos foram suficientes para garantir que nos encontrávamos em frente de um curioso local arqueológico.

Sondagens posteriores, realizadas por um de nós (J. F. V.), permitiram a recolha de outros materiais que melhor o definiram, e serviram de base a uma comunicação do facto à Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em 17 de Dezembro de 1957 (1).

A identificação de um povoado neolítico no Castelo do Giraldo, muito anterior, portanto, à lenda corrente de apenas ter sido lugar de abrigo de «Giraldo-sem-Pavor» e do seu bando, antes da conquista de Évora, levou a um pedido de autorização para proceder a reconhecimentos arqueológicos na região, bem como a solicitar o apoio financeiro da benemérita Fundação Calouste Gulbenkian para os realizar.

Por motivo de trabalhos intensivos que para um de nós (A. P.) surgiram no campo de batalha de Aljubarrota, o início das prospecções no «Giraldo» foi muito retardado, só lhes podendo dar começo em Outubro de 1960.

Em 18 deste mês tomámos o comboio para Évora, e nessa tarde, visitou-se o «castelo» e estabeleceu-se um

---

(1) «Novidades» de 25-12-1957.

programa para o dia seguinte, mas as chuvas da noite, por um lado, e a carência de pessoal na região, pelo outro, só permitiram dar-lhe início propriamente no dia 26.

Os dias intermédios foram aproveitados para trabalhos preliminares que são sempre indispensáveis numa escavação, e ainda para resolver o problema do pessoal, que teve de ser recrutado por intermédio da Casa do Povo de Santa Maria de Machede, a 14 quilómetros a Leste de Évora.

Este caso de recrutamento de pessoal e do seu transporte com a volumosa «mobília» de cada um, composta de mantas, ferramentas e roupas de trabalho, panelas e pucarinhos necessários para «caldeirar», as comidas para a semana, em que há chouriço e toucinho, ovos, batatas, bacalhau, sal, e recipientes com azeite e vinagre, bem como os pelicos e sacos de plástico para preservar da chuva, constituem uma palamenta difícil e complicada de transportar, coisa que apenas surge numa escavação do Alentejo, mas nunca na Estremadura ou Entre Douro e Minho.

As dificuldades de utilizar uma viatura auto até ao cimo do monte, levaram-nos a contratar em Valverde uma carroça de duras molas de azinho, que aos baldões por entre sobreiros e azinheiras, nos conduziria, num feixe, até próximo do local de trabalho, à força de chibatadas e de «arre-mula!» (1).

De Évora à Escola e vice-versa, aproveitávamos a viatura que aquele estabelecimento de ensino possui para transporte de professores e alunos, gentileza que muito agradecemos ao seu Ex.<sup>mo</sup> Director.

## 2 — LENDÁRIO:

Diz a tradição que foi deste lugar proeminente e fronteiriço à cidade, que se divisa ao longe, que partiu

---

(1) Ao Ex.<sup>mo</sup> General Comandante da 4.<sup>a</sup> Região Militar e seu Chefe do Estado Maior, bem como ao Comando do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 3, os nossos mais sinceros agradecimentos pela boa vontade manifestada em fornecer uma viatura auto para transporte, que o péssimo acesso ao «Castelo do Giraldo» não permitia utilizar sem grave dano.

«Giraldo-sem-Pavor» com os seus homens para a arduosa conquista de Évora aos Mouros, facto que as crónicas exalçam e o brasão da cidade apresenta como motivo principal, mas Herculano mal refere, sem de todo o repudiar (1).

Não nos compete neste lugar discutir o caso, pelo qual, diga-se de passagem, nutrimos a maior simpatia, que nos vem da maneira como nos bancos de instrução primária nos inculcaram admiração pelo facto.

Prometemos, porém, no decorrer dos trabalhos, prestar-lhe a maior atenção, pois o «castelo» apresenta à superfície uma camada muito revolvida, é certo, de elementos que sendo muito posteriores ao Neolítico, poderão entroncar na Idade Média.

Ao lado desta lenda medieval, há outras de tesouros escondidos, guardados ou não por mouras encantadas, vulgares em todos os povoados pré-históricos.

Uma delas foi contada a um de nós pelo carreiro Júlio José Cabeça, homem dos seus 65 anos que desde menino vive em Valverde ou na herdade da Provença, enquanto conduzia o «arre-mula» até próximo do local de trabalho, onde o animal se negava a subir, pela dificuldade que o acesso apresentava.

«No Castelo do Giraldo há uma mina cheia de ouro, cuja entrada está oculta por uma grande pedra.

A pessoa que quiser tomar conta de toda aquela riqueza precisa sonhar com ela três noites seguidas e depois ir lá à meia noite, levando consigo um alqueire de milho, que principia a espalhar pelo chão desde a base até ao alto do monte (2), aparecendo logo um galo preto que começa a comê-lo com grande voracidade.

Todo o trabalho de subida ao Castelo, procura e desobstrução da mina, bem como a recolha do

---

(1) *História de Portugal*, 8.<sup>a</sup> edição, tomo III, págs. 81-83.

(2) O Júlio Cabeça indicou-nos mesmo o local onde se deve começar a espalhar o milho: o cruzamento do caminho que corre para Norte, na base do monte, com a linha de marcos que na direcção O. separa as herdades de Monte-Muro e da Provença. Deste local parte uma vereda que conduz ao «Castelo». Fig. 1, c.

ouro tem de ser feito antes que o galo coma o último grão, caso contrário sai de dentro uma serpente que a mata».

É este receio de não poder fazer tudo antes do galo devorar todo o milho, que segura a cupidez dos pesquisadores de tesouros.

A lenda tem uma ligeira variante, que também ouvimos em Valverde: em vez da serpente que mata o homem, é a própria mina que se fecha sobre ele, sepultando-o para sempre.

É curiosa esta «defesa» do tesouro do nosso castelo alentejano.

Noutras regiões do país, dizem as lendas que há dois grandes potes, um a abarrotar de ouro e outro cheio de peste (1). E o receio de encontrar este último, que mataria toda a gente, evita maiores descatos nos monumentos arqueológicos.

Um de nós, em conferência realizada na Escola Comercial e Industrial de Évora (2), referiu outra lenda recolhida de Custódio Joaquim Garrinho, carreiro da Escola de Regentes Agrícolas, de uns 67 anos, que reza assim:

Quando ainda criança, entre os 8 e 10 anos, Garrinho ouvira contar a seu irmão mais velho uma história sobre o castelo, que se apoderou dele de tal maneira que, quando cerrava os olhos via logo:

«As entranhas daquela montanha abrindo e mostrando-lhe uma gruta de tecto abobadado, tal qual aqueles dos fornos de cozer pão que estava habituado a ver. No seu interior, a abarrotar, montes de ouro e prata amoedados, não como as moedas de agora, mas sim de formas quinadas, sextavadas, oitavadas...

À entrada da gruta, sentada em banco de pedra mal aparelhada, uma figura feminina, numa túnica

---

(1) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Notas sobre a 1.ª e 2.ª Campanhas*. «Brotéria», vol. XXVIII e XXIX, Lisboa, 1939.

(2) José Fernandes Ventura, *Pré-história do concelho de Évora*. Inédita.

de cor indefenível, de farta, espessa e envolvente cabeleira, carregada de anos e de mágoas, que a fragilidade dos seus braços sustenta, cotovelos nos joelhos, as mãos sob o mento, qual a imagem do desalento. À sua beira acompanhavam-na uma galinha vulgar e um galo «romanisco», todo soberbo na sua luzidia plumagem, sacudido e cacarejante, como se ali ele fosse o único a regular e a comandar.

Que se saiba, até hoje, o Garrinho foi a única pessoa que teve a dita de contactar com aquele misterioso mundo. Nestes contactos um raio de esperança iluminou fugazmente as feições da desalentada prisioneira que, em troca da sua libertação, prometera ao Garrinho todos os tesouros ali acumulados.

Para tanto, teria ele de munir-se de um alqueire de trigo que sobraçaria à esquerda enquanto com a dextra iria espalhando as sementes desde a «Eira de Monte-Muro», no sopé da serra, até ao local da gruta, nos subterrâneos do castro.

Ao primeiro lance de sementes acudiria o galo «romanisco» a apanhá-las sofregamente e então travar-se-ia duro despique entre o galo e o Garrinho: se este conseguisse alcançar a entrada da caverna antes de o galo apanhar todas aquelas sementes dispersas, logo ali se quebraria o encanto daquela dama triste e solitária; se, ao contrário, o galo se antecipasse na recolha daqueles «bagos» de cereal, ali se quedaria o Garrinho prisioneiro daquele mesmo encanto.

Tal perspectiva fez recuar o Garrinho à ideia de se meter em tal empresa, não obstante os encorajamentos da prisioneira que lhe chegou a segredar um fácil êxito, podendo, para isso ser coadjuvado pelo pai ou pelo irmão».

Eis aquilo que, até agora, se recolheu de lendário à volta do «Giraldo».

### 3—O CASTRO:

O «Castelo do Giraldo» fica situado a cerca de 11 quilómetros em linha recta S. O. de Évora, na her-

dade da Provença, dos herdeiros de Francisco Barahona e a uns 1.500 metros a O. da herdade da Mitra, nas imediações da povoação que nasceu junto da Escola de Regentes Agrícolas, com o nome de «Valverde», tirado da ribeira que lhe corre aos pés.

Saindo de Évora pela chamada estrada das Alcaçovas, encontramos, por alturas do quilómetro 9, a Tapada do Barrocal e um ramo de estrada que se dirige para aquela Escola, com a seguinte indicação: Mitra—2 Km.

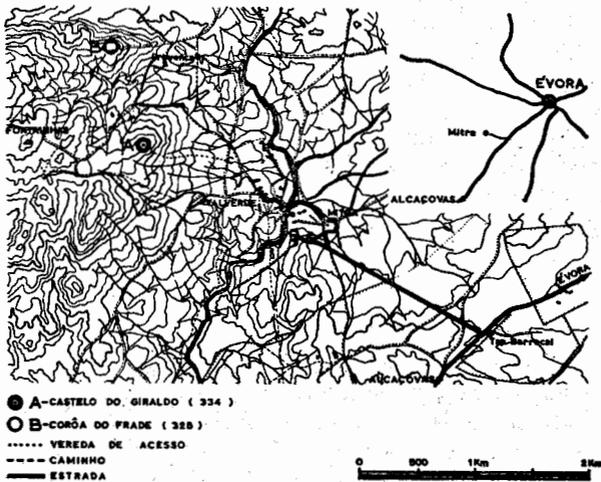


Fig. 1 — Mapa da região.

Ao chegar às instalações escolares, tomamos pela via que passando por debaixo do aqueduto, contorna os muros da propriedade e atravessando a ponte entra em Valverde. Fig. 1.

Sáimos desta localidade pelo caminho que na direcção Norte segue para ● Monte da Provença, até se encontrar, depois de transpor uma pequena linha de água, a extrema de marcos que separa as herdades de Monte-Muro e Provença.

Ao longo desta linha de marcos e na direcção O. corre uma vereda que nos conduz ao «Castelo». Fig. 1 C.

\*

O nosso povoado fica na freguesia de Nossa Senhora da Graça do Divor, assenta num dos contrafortes da Serra de Monfurado, numa elevação que dela se desprende e atinge a cota de 334 metros, dominando a vasta planície que para o Oriente lhe fica aos pés. Fig. 1, A.

Grandes penedias se acumulam na sua parte superior e foram em parte aproveitadas para encosto das muralhas de que ainda hoje encontramos restos. Fig. 4, C.

Na vertente oriental do castro há indícios de velhas paredes, restos de humildes casebres que ali existiram há mais de dois séculos, à volta de um colmeal hoje desaparecido.

Espessa vegetação e desmoraamentos ocultavam quase todos os vestígios do velho povoado, de que apenas se divisavam, aqui e além, alguns grupos de pedras sobrepostas à maneira de muralha.

#### 4—AS MURALHAS:

A primeira coisa que tivemos de fazer, ao iniciar os trabalhos em 26 de Outubro, foi proceder ao corte de toda a vegetação que encobria o castro, àquilo a que em gíria de escavações chamamos «fazer a barba».

Claro que esta operação foi limitada à parte superior, deixando intactos, para maior beleza do conjunto, os arbustos da encosta.

Finda ela, podemos ter uma ideia mais nítida do povoado, adivinhar melhor o troço de muralhas em locais que se apresentavam bastante indefinidos, observar no interior do castro os estragos causados pelos pesquisadores de tesouros e a abundância de fragmentos de telha muito rude.

Iniciamos depois a segunda fase dos trabalhos: um melhor reconhecimento da muralha, aliviando-a de certas pedras que ocultavam o seu traçado. Fig. 2.

Este ficou bem definido, excepto nalguns pontos em que a destruição se mostrava total.

Esboçada assim a linha de muralhas, demos começo a uma terceira fase de trabalhos, aliviando aquela ainda

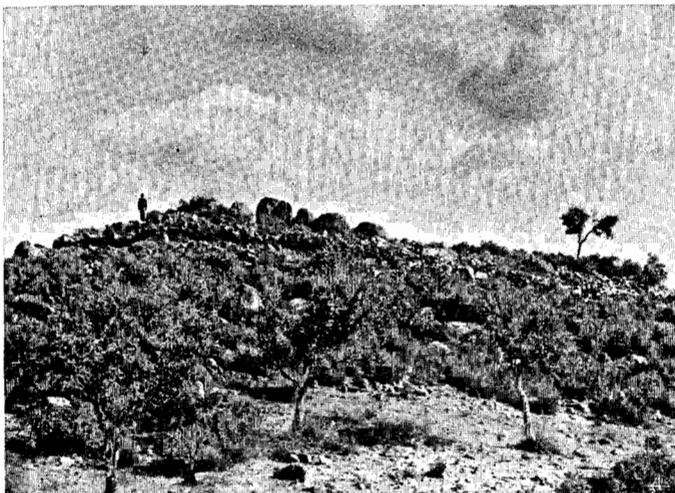


Fig. 2 — *Aspecto da muralha depois da 2.ª fase de reconhecimentos.*



Fig. 3 — *Vista da muralha posta a descoberto durante a 3.ª fase de reconhecimentos.*

mais das pedras desmornadas, o que nos permitiu ficarem à vista curiosos panos com cerca de 1 metro de altura. Fig. 3.

A sua construção difere muito da de Vila Nova de S. Pedro, onde predominam pequenos blocos de calcário, assentes sobre camadas de barro amassado, apresentando uma face externa rugosa.

No «Castelo do Giraldo» os blocos são de granito, de grandes dimensões ou, pelo menos, muito maiores que os de Vila Nova de S. Pedro, as faces alisadas, as arestas direitas, assentando uns sobre os outros sem necessidade da argamassa para regularizar a construção.

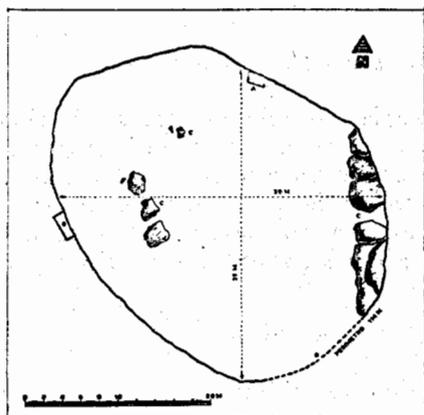


Fig. 4 — Perímetro do castro.

Levamos o nosso reconhecimento até uma camada de terras com espólio arqueológico, que respeitamos, por não ser de aconselhar prosseguir mais.

Esta última operação permitiu-nos recolher algumas cerâmicas puramente neolíticas, bem como dois machados e uma placa de arqueiro.

Quisemos reconhecer a espessura da muralha e por isso tentamos um golpe no interior, Fig. 4, A, onde se deparou, na camada mais baixa, com um cosoiro e alguns fragmentos de crescentes de barro.

Também no exterior, Fig. 4, B, abrimos um pequeno golpe, para verificar a base, que nos pareceu assentar

sobre estrato arqueológico. Num e noutro local tivemos de interromper os reconhecimentos, por motivo das chuvas.

Teimar nos trabalhos era anti-científico, e por isso os demos por concluídos em 11 de Novembro, aguardando que as terras sequem para prosseguir.

O contorno do amuralhado, feito por alunos de topografia da Escola de Regentes Agrícolas sob a direcção de um de nós (J. F. V.), deu-nos um perímetro de 114 metros, com um diâmetro de 36 metros no eixo maior e 35 metros no eixo menor (1). Fig. 4.

\*

#### 5 — MATERIAIS RECOLHIDOS:

Os materiais recolhidos, apesar de ainda bastante escassos, são de molde a indicar que devemos prosseguir num reconhecimento mais aprofundado.

Numa referência que se lhes faz, e para uma melhor ordenação dos assuntos, estabelecemos as seguintes divisões: *utensilagem litica*, *utensilagem metálica* e *cerâmicas*.

##### A) *Utensilagem litica*

No fabrico dos objectos de pedra utilizou-se o granito, o quartzito, a quartzite e o xisto anfibólico.

São de granito as *mós*, de que se recolheram alguns elementos bem definidos.

Não diferem das que nos apresentam os velhos documentos do Egipto: uma pedra maior ligeiramente côncava ao centro, sobre que se lançava a substância a trabalhar, que se triturava com o auxílio de outra pedra mais pequena movida com as mãos.

Algumas populações indígenas da nossa província de Moçambique ainda hoje usam *mós* semelhantes.

São de quartzito e quartzite alguns *percutores*, mais ou menos arredondados, que desempenhavam as fun-

---

(1) José Fernandes Ventura, *Antas e castro no Alentejo e seus construtores*. «Alto Alentejo», 4, Évora, 1959.

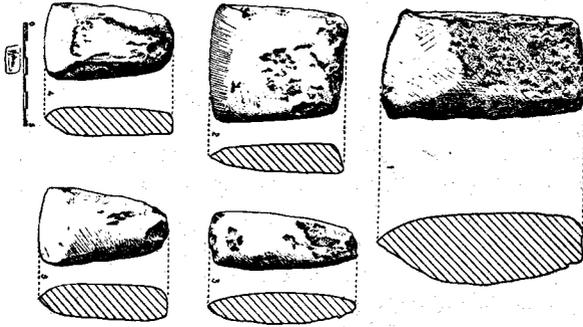


Fig. 5 — Machados de pedra polida.

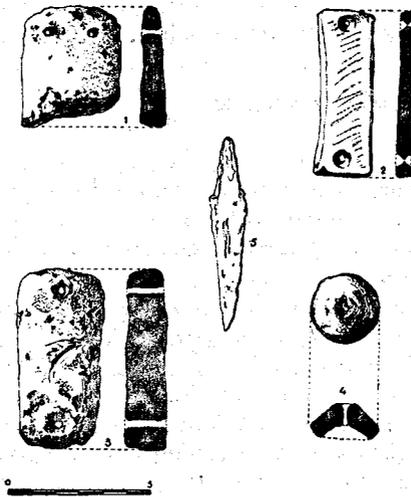


Fig. 6 — Placas de barro (1 e 3), placa de arqueiro (2),  
cossoiro (4), punhal de cobre (5).

ções dos nossos martelos, e apresentam dos lados sinais bem evidentes de utilização.

São de xisto anfibólico alguns *machados* de dimensões variadas, uns de secção *ovalar*, outros *rectangular*.

Apresentam ainda o gume bastante afiado e dois deles, os n.ºs 1 e 2 da Fig. 5, estão como que partidos na parte superior, sem o trabalho que é vulgar existir em outros do seu tipo, por exemplo nos n.ºs 3, 4 e 5.

O tipo espalmado, conhecido pelo nome de *enxó*, está mal representado numa peça muito arruinada, que não figuramos, por essa razão, neste trabalho.

A côr destes objectos varia entre o acinzentado e o esverdeado. Tratando-se de um povoado, não contém as excelentes peças que são vulgares nas necrópoles.

É ainda de xisto anfibólico uma bela *placa de arqueiro*, Fig. 6, n.º 2, com as suas características perfurações em V.

Devia ser usada no braço e para seu resguardo, ao despedir a seta.

Até agora não se encontrou qualquer objecto, ou mesmo simples vestígios, de sílex.

### B) *Utensilagem metálica*

Limitada ao punhalito da Fig. 6, n.º 5, que se recolheu num nível bastante remexido, e portanto não nos permite, com bastante pesar o dizemos, qualquer conclusão, que se pudesse tirar, da sua posição no conjunto castrejo.

Para um melhor estudo desta peça, damos dela a sua análise espectrográfica, feita pelo Dr. M. Schröder, no Laboratório do Landes-Museum, de Württemberg, e que devemos aos bons officios do Dr. Edward Sangmeister, Prof. da Universidade alemã de Friburgo, que de colaboração com o Dr. Siegfried Junghans, iniciou uma série de estudos espectrográficos, para um melhor conhecimento da metalurgia, pré-histórica da nossa península e suas relações com outras regiões (1).

---

(1) Amostra recolhida pela Dr.<sup>a</sup> Beatrice Blance, da Universidade de Edinburgh.

Os seus resultados são os seguintes:

Sn estanho	Pb chumbo	As arsénio	Sb anti- mónio	Ag prata	Ni níquel	bi bismuto	Au ouro	Zn zinco	Co cobalto	Fe ferro
0	0	1,3	0	0,020	vesti- gios	0	vesti- gios	0	0	0

Soma das impurezas — 1,gr32.

Percentagem de cobre (Cu) — 98,gr68.

O verbete do punhalito do «Castelo do Giraldo» tem o número 2472 de uma série de 5.000 que aqueles cientistas já estudaram.

Sobre o metal e metalurgia neste castro, aguardemos novos reconhecimentos.

Sobre metalurgia de outros castros portugueses, são de lembrar os estudos a que se procedeu, com a cooperação científica do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, no castro de Vila Nova de S. Pedro (1), e sobre análises espectrográficas, um recente trabalho de Mário Cardozo (2) e outros de H. Case, Beatrice Blance (3), etc.

### C) Cerâmica:

Podemos desde já asseverar que ela é muito abundante e que, como em todos os povoados, se encontra muito partida, sendo diminuta a percentagem de peças inteiras ou sofrivelmente completas.

Para uma melhor arrumação do seu estudo, poderemos subdividi-la em:

- a) cerâmica de *uso comum*,
- b) cerâmica *industrial*.

(1) Afonso do Paço, *Castro de Vila Nova de S. Pedro: VII — Considerações sobre o problema da metalurgia*, «Zephyrus», VI, Salamanca, 1955.

(2) Mário Cardozo, *Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze*, «Revista de Guimarães», vol. LXX, Guimarães, 1960.

(3) Humphrey Case, *Studies of irish and british e early arly copper artefacts: second series*, «Man», vol. LIV, London, 1954.

Beatrice M. Blance: *Estudio espectrográfico de algunos objectos metálicos del museo de Prehistoria de la Deputacion de Valencia*. «Archivo de Prehistoria Levantina», vol. VIII, Valência 1959, pág. 163.

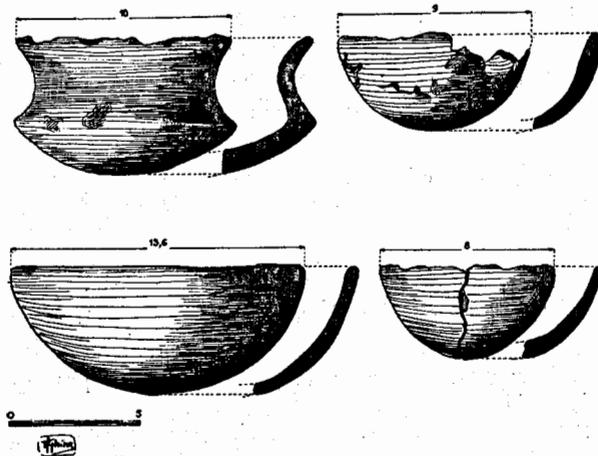


Fig. 7 — Vasilhas de barro.

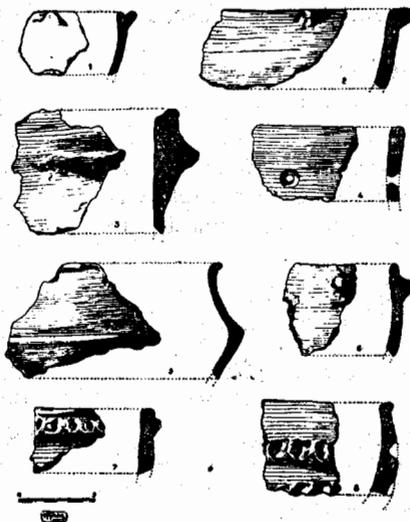


Fig. 8 — Fragmentos de bordos de vasos: com suspensão (1-6),  
com ornamentações (7 e 8).

No agrupamento de *uso comum*, encontramos fragmentos de uma série de recipientes das mais variadas dimensões, com predomínio das formas médias e pequenas, de fundo hemisférico. Fig. 7, n.ºs. 2, 3 e 4.

São curiosos os exemplares da Fig. 7, n.º 1, Fig. 8, n.º 5 que se afastam do conjunto anterior.

Recipientes deste último tipo, ou de paredes laterais mais altas e curvatura menos acentuada, são vul-

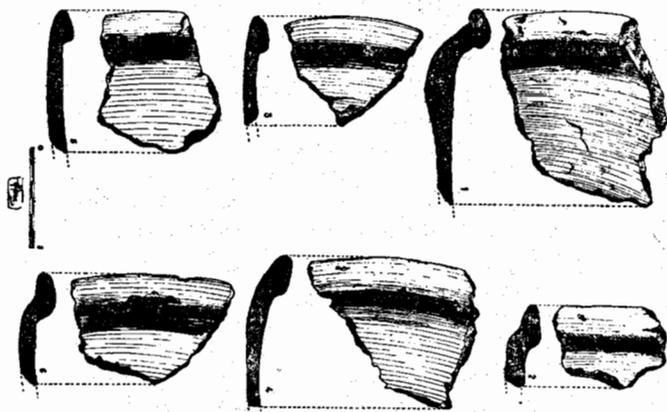


Fig. 9 — *Fragmentos de pratos.*

gares entre os espólios das antas do Alentejo, como se pode constatar, quer revendo publicações (1), quer observando os materiais ainda inéditos existentes nos museus.

É costume atribuir este tipo de recipientes ao Bronze II, mas no decorrer das escavações de 1957 na Parede, encontraram-se num estrato anterior ao campaniforme.

(1) Georg e Vera Leisner, *Antas do concelho de Reguengos de Monsarás*, Lisboa, 1951.

É este um problema que só novos e metódicos reconhecimentos poderão aclarar.

Como suspensão, reconheceram-se já as formas mais primitivas: o orifício na parte inferior do bordo, Fig. 8, n.º 4, ou ligeiras pegas constituídas por mamilos incipientes. Fig. 8, n.ºs 1, 2, 3 e 6.

Entre as cerâmicas de uso comum abundam os fragmentos de pratos, de que não vimos ainda tamanha quantidade em qualquer outra estação. São recipientes de bordo ligeiramente elevado e base plana.

Interiormente são muito alisados, mas no exterior bastante rudes. Fig. 9, n.ºs 1-6,

São vulgares estas cerâmicas nos espólios de algumas antas do Alentejo.

Nos trabalhos até agora realizados no «Castelo do Giraldo» recolheram-se também, mas em nível remexido, alguns fragmentos cerâmicos com impressões de pontas de dedos. Fig. 8, n.ºs 7 e 8.

Apresentámo-los apenas a título de curiosidade, esperançados em obter sobre eles, mais tarde, esclarecimentos mais seguros.

Nos castros do Norte, tais cerâmicas são em geral da Idade do Ferro.

O problema cerâmico vai ser um dos mais difíceis de esclarecer neste castro, quer pelo remeximento de que foi vítima, quer pelas diversas gentes que o habitaram.

\*

A cerâmica a que damos o nome de *industrial* está representada por um *cossoiro* e diversas *placas* e *crescentes* de barro.

O *cossoiro*, Fig. 6, n.º 4, é característico de uma indústria local de *fição*, pois introduzido na parte inferior de uma haste de madeira, servia de volante do fuso.

Esta *fição* presume a tecelagem, operação executada em teares muito rudimentares, em que havia pesos para esticar os fios.

É de crer que servissem de pesos nestes teares primitivos, as *placas de barro*, providas de dois ou quatro orifícios de que se recolheram muitos exem-

plares no castro de Pavia, e alguns nos Vidais, em Fontalva e mesmo em S. Bento, às portas de Évora, isto para falar apenas no Alentejo, pois tais artefactos são também muito vulgares nos castros das penínsulas de Lisboa e Setúbal (1).

No «Giraldo» recolhemos por enquanto apenas dois elementos. Um deles fragmentado e de quatro

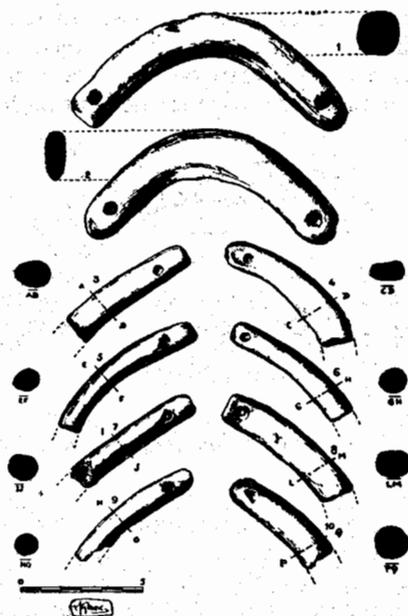


Fig. 10 — Crescentes de barro.

orifícios, outro completo e apenas com duas perfurações. Fig. 6, n.ºs. 1 e 3.

Entre as placas de barro dos castros alentejanos não se encontrou, até agora, nenhuma com desenhos. Além disso são mais delgadas e mais esguias que as da margem direita do Tejo.

(1) Sobre tipos de placas e sua distribuição veja-se: Afonso do Paço, *Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro*. «Congressos do Mundo Português — 1.º Congresso — Porto, 1940» Lisboa, 1941.

Para alguns autores são também *pesos de tear*, os *crescentes* de barro da Fig. 10, n.ºs. 1-10, de curvaturas e espessuras muito variáveis, providos de um furo em cada extremidade.

Siret encontrou alguns destes exemplares em Campos e Gerundia (1) e Estácio da Veiga em Alcalar e outras estações neolíticas do Algarve, de que infelizmente não nos dá o nome (2).

Mais tarde, o mesmo Siret, baseado em crescentes que recolheu em algumas casas de metalúrgicos em Almizaraque, e nas observações que na ocasião fizera, julgou-os elementos de fornos de fundição, e com

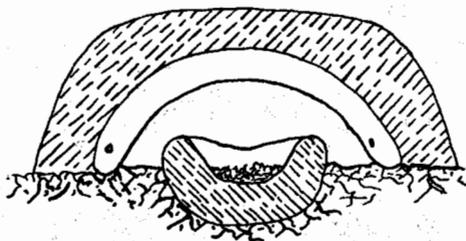


Fig. 11 — Forno de fundição, segundo Siret.

eles idealizou uma figura que corre mundo nos livros de Arqueologia (3). Fig. 11.

Por sua vez o Prof. J. Leite de Vasconcelos, chama simplesmente elementos de colar aos exemplares que recebera dos Vidais (4) curioso castro da região de Marvão, tristemente destruído por um pesquisador de tesouros, Pedro Pena, na mira de ali encontrar quatro arrobas de ouro no valor de quatro

(1) Louis Siret, *Les premiers âges du metal dans le sud-est de l'Espagne*. Anvers, 1887. *Album*, Pl. I, 130 e Pl. X, 172.

(2) Sebastião Philippes Estácio da Veiga, *Antiguidades monumentais do Algarve*, vol. III, Lisboa, 1889, Est. XI e pág. 214-215.

(3) L. Siret, *Orientaux et Occidentaux en Espagne aux temps préhistoriques*. «Revue des Questions scientifiques», Bruxelles, 1907, pág. 60 e Pl. II.

(4) Dr. J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*. Lisboa, 1915, pág. 182-184 e 356-357.

milhões, depois de leituras que fizera do famigerado livro de S. Cipriano (1).

Federico de Motos, influenciado certamente por Siret, também considera elementos de fornos de fundição os exemplares que recolhera em Velez Blanco (2), mas Vergílio Correia, no seu estudo sobre Pavia, julga-os simplesmente pesos de tear (3).

Os exemplares recolhidos no «Giraldo» não nos apresentam sinais de fogo, razão porque, também por nossa parte, nos inclinamos a considerá-los pesos de tear.

Além dos lugares do Alentejo e Algarve já referidos, em que se notou a presença de tais crescentes de barro, há ainda a lembrar a Anta da Capela.

#### 6 — O «CASTELO DO GIRALDO» NO CONJUNTO ARQUEOLÓGICO DO ALENTEJO

Numa visão geral do panorama neolítico português, o Alentejo dá-nos a impressão de uma vasta nectópole, toda semeada de antas ou dólmenes, que não são mais do que monumentos sepulcrais.

Atraídos certamente por tamanhas manifestações funerárias, quase não se pensou nos lugares dos vivos, promovendo-se o estudo de uma região dolménica e respectivos castros.

Que nós saibamos, apenas Vergílio Correia fez excepção, explorando e publicando o resultado de uma das campanhas que realizou em Pavia.

Aquele arqueólogo procedeu a duas escavações neste castro. A primeira, sendo funcionário do Museu Etnológico. A segunda, mais tarde, a expensas da Nação vizinha, e ao publicar o seu resultado (4), quis fazer o estudo comparativo dos materiais de uma e outra, mas não lhe foi permitido (5).

(1) Afonso do Paço, *Carta arqueológica do concelho de Marvão*. «Actas do XIII Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências — Lisboa 1950». Lisboa, 1953.

(2) Federico de Motos, *La edad neolítica de Velez Blanco*, C. I. P. P. N.º 19, Madrid, 1918.

(3) Vergílio Correia, *El neolítico de Pavia...*

(4) Vergílio Correia, *El neolítico de Pavia...*

(5) Afonso do Paço, *Carta arqueológica do concelho de Marvão...*

Desconhecemos trabalhos sistemáticos em outros povoados neolíticos, seguidos de relatos que nos permitam a sua consulta e estudo comparativo.

As referências até agora feitas a materiais provenientes de S. Bento, Vidais ou Fontalva, não são mais que ligeiras anotações.

\*

Segundo as cronologias mais moderadas, o aparecimento do homem sobre a terra pode remontar a 600.000 — 500.000 anos a. C., mas alguns autores dizem que dificilmente saberemos quem foram os primeiros habitantes que ocuparam a nossa península e em que condições o fizeram (1). Sem nos preocuparmos por agora com este delicado problema, diremos apenas que dos indivíduos que viveram no nosso solo até à roda do ano 3.000 a. C. há por quase todo o país numerosos vestígios.

Por volta deste ano 3.000 uma grande transformação se operou na vida peninsular. As populações começaram a cultivar o solo e a criar animais, e fixando-se nas regiões que habitavam, abandonaram a vida nómada de seus antepassados.

Estão longe de ser completos os conhecimentos que possuímos do estabelecimento e da evolução destes primeiros povos agrários do Alentejo.

Os imensos e ricos materiais que se recolheram nas suas antas e enchem os museus, são incapazes, por si só, de aclarar de todo este problema.

Julgamos indispensável, para este caso, o concurso da estratigrafia, a qual só nos poderá advir através de

---

(1) Sobre este assunto veja-se, entre muitos outros:

P. Bosch-Gimpera, *La formación de los pueblos de España*, México, 1945.

Julio Martínez Santa-Olalla, *Esquema Paleontológico de la península hispánica*, 2.ª ed., Madrid, 1946.

Luis Pericot García, *La España primitiva*, Barcelona, 1950.

Martin Almagro, *Origen y formación del pueblo hispano*, Barcelona, 1958.

Juan Maluquer de Motes, *La humanidad prehistórica*, Barcelona, 1958.

escavações metódicas realizadas nos castros, conduzidas por quem saiba entender a preciosa e delicada documentação que a terra nos guardou durante séculos.

Sem ter a pretensão de resolver totalmente o apaixonante problema do estabelecimento dos primeiros agricultores no Alentejo, dos mais longínquos antepassados nossos que aqui se fixaram ao solo, procuraremos carrear alguns elementos, levantando se for possível, no «Castelo do Giraldo», um bocadinho do imenso véu que encobre a província.

Pelo que até agora pudemos observar, nos bem limitados reconhecimentos que se fizeram, julgamos que os primeiros habitantes deste castelo viveram de início num povoado aberto, isto é, sem muralhas, que posteriormente foi fortificado para defesa das suas gentes, não contra animais bravios, mas certamente de outras populações.

Esta transformação radical na vida de povos pacatos, que passaram a viver em estado de alarme, é por si só um problema que seria bem interessante esclarecer.

Não nos parece o «Castelo do Giraldo» povoado de um Neolítico muito primitivo, pois as suas gentes já conheciam algumas indústrias, entre elas a da fição e tecelagem, certamente praticada apenas para uso próprio.

Além de cultivarem a terra, criariam espécies animais, cujos restos ósseos foram totalmente consumidos pela acidez do terreno, facto que não nos permite conhecer, com segurança, a fauna da região.

A sua indústria cerâmica também bastaria às necessidades de consumo, não sabendo se dela haveria exportações.

São estas e outras incógnitas relativas aos nossos antepassados que primeiro começaram a agricultar o Alentejo, que, a pouco e pouco, se procurará desvendar através da Arqueologia.

\*

Quando nos vossos campos alguma velharia vos aparecer, preservai-a da destruição, pedi mesmo uma escavação de emergência, pois, se assim o fizerdes, tereis contribuído em muito para o conhecimento da história desta província.

A cidade de Évora, tão rica em arqueologia e arte dos tempos históricos, tem suas raízes muito para além das preciosidades arrecadadas e expostas nos seus museus.

Pretende-se hoje recolher documentação que possa mostrar o evoluir da região, desde os primeiros agricultores que nela se fixaram até aos nossos dias.

Tarefa árdua, pois acordando-se tarde, muito foi já levado para outros museus. Mas com paciência e boa vontade, se persistirem na ideia, Évora poderá mostrar dentro em pouco aos seus visitantes alguma coisa da história milenária das populações que viveram no seu aro.

Unamo-nos todos em volta desta ideia, pois Évora, o Alentejo, tudo merecem. Tenhamos bem presente, que a história desta região só pode ser feita com base nos documentos arqueológicos, e destruir estes, é destruir a vossa história. Não permitais que se façam «escavações» arqueológicas, pois a destruição de um destes monumentos é como que a destruição de um valioso pergaminho.

Lembraí-vos de que entregar uma escavação à simples ciência de bico de picareta, é o mesmo que pôr um valioso pergaminho com iluminuras e uma tesoura nas mãos de uma criança. Esta corta logo as principais figuras, desprezando o precioso texto.

Também o escavador inconsciente só se preocupa com os «bonitinhos», destruindo totalmente por não a saber lêr, a documentação que a natureza nos guardou durante milhares de anos.

Tende bem presente que para chegar à aparelhagem mecânica que hoje sulca os vossos campos, foi preciso começar por um machado de pedra polida fixo numa haste de madeira, que um homem se esforçava por manter enterrado, enquanto que outro puxava para a frente de maneira a produzir um sulco.

Quando o tractor de hoje encontrar o seu milenário antepassado, que não proceda com inconsciência e descortesia. Que o trate com o carinho que nos devem merecer os nossos heróis, os nossos avoengos, os nossos maiores. Dai-lhe lugar de honra nas vossas casas, fazei-o subir até aos museus, repositórios das relíquias dos antepassados.

Não esqueçais que para se atingir o grau de civilização e bem estar dos nossos dias, foi preciso que aqueles antepassados pré-históricos inventassem todo o material arqueológico que uma escavação nos revela, e de que só os néscios se riem.

Não desdenhemos pois aqueles nossos maiores, e fixemos bem esta ideia: é desses antepassados agricultores que primeiro se fixaram no nosso solo, que propriamente todos nós descendemos.

Os que vieram depois, desde os fenícios e cartagineses aos árabes, apenas nos subjugaram durante um milénio, nos deram os frutos da sua civilização e se misturaram connosco, mas as principais qualidades ancestrais da raça, essas resistiram a todos os embates estranhos.

Honremos pois o passado, para dignificar o presente.